

MULHERES NEGRAS E AS FONTES PÚBLICAS DE ÁGUA: memória, cidade e (in)visibilidades nos arquivos visuais de Goiás

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

SANTOS, Jana Cândida Castro dos

Mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU/UnB); Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/UFBA)
janasantos@ufba.br

MENDES, Beatriz Brito

Mestra em Arquitetura e Urbanismo (PPG-AU/UFPB); Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal da Bahia (PPG-AU/UFBA)
mendes.b@ufba.br

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a experiência urbana das mulheres negras em Goiás na passagem do século XIX para o XX, em uma investigação então conduzida pela fotografia. Nos últimos anos, temos ampliado o debate no campo historiográfico para dar visibilidade à história das mulheres e suas relações com a vida urbana, cuja vivência feminina e negra pôde se firmar nas mais variadas esferas, estando estas mulheres presentes em diversos lugares, do espaço doméstico aos espaços públicos. Nessa direção, mostra-se pertinente ampliar o debate histórico para além dos escritos, investigando "por meio de e com as imagens" (Mortimer, 2022), pois as fotografias de época, ao retratar monumentos e espaços da cidade, também oferecem pistas sobre as dinâmicas urbanas, registrando mulheres negras em cenas cotidianas. Para esta discussão, analisaremos uma série fotográfica intitulada "Onde estavam as mulheres negras?", criada a partir de uma seleção do acervo documental do Museu das Bandeiras (MUBAN). Objetivamos refletir sobre as práticas urbanas das mulheres negras nos oitocentos, a partir de sua relação sensível com as águas e as fontes públicas urbanas, partindo da premissa de que, nesse encontro - entre as mulheres negras e as águas da cidade - elas têm muito a nos dizer.

Palavras-chave: mulheres negras; fontes públicas de água; Goiás; fotografia; arquivos visuais.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

*This paper seeks to reflect on the urban experience of Black women in the city of Goiás during the transition from the nineteenth to the twentieth century through an investigation conducted by means of photography. In recent years, historiographical debates have increasingly sought to make visible the history of women and their relationships with urban life, highlighting how Black women's experiences took shape across multiple spheres, with their presence extending from the domestic realm to public spaces. In this context, it is pertinent to broaden historical inquiry beyond written sources by investigating history "through and with images" (Mortimer, 2022). Historical photographs, while portraying monuments and urban spaces, also provide clues about urban dynamics by capturing Black women in everyday scenes. To explore these issues, we analyze the photographic series *Where were the Black Women?*, created from a selection of documents from the collection of the Museu das Bandeiras (MUBAN). The paper aims to reflect on the urban practices of Black women in the nineteenth century through their embodied relationship with water and the city's public fountains. It is grounded in the premise that, in the encounter between Black women and the waters of the city, these women have much to tell us.*

Keywords: Black women; public water fountains; Goiás; photography; visual archives.

RESUMEN

*Este trabajo busca reflexionar sobre la experiencia urbana de las mujeres negras en Goiás durante el tránsito del siglo XIX al XX, a partir de una investigación desarrollada desde la fotografía. En los últimos años, hemos ampliado el debate en el campo historiográfico para visibilizar la historia de las mujeres y sus relaciones con la vida urbana, reconociendo que las experiencias femeninas y negras se desplegaron en múltiples ámbitos, con una presencia que abarcó desde el espacio doméstico hasta los espacios públicos. En este sentido, resulta pertinente ampliar el debate histórico más allá de las fuentes escritas, investigando "a través de y con las imágenes" (Mortimer, 2022), ya que las fotografías de época, al representar monumentos y espacios de la ciudad, también ofrecen indicios sobre las dinámicas urbanas al registrar a mujeres negras en escenas cotidianas. Para esta discusión, analizaremos una serie fotográfica titulada *¿Dónde estaban las mujeres negras?*, elaborada a partir de una selección del acervo documental del Museo de las Banderas (MUBAN). Nuestro objetivo es reflexionar sobre las prácticas urbanas de las mujeres negras durante el siglo XIX, a partir de su relación sensible con las aguas y las fuentes públicas urbanas, partiendo de la premisa de que, en este encuentro entre las mujeres negras y las aguas de la ciudad, ellas tienen mucho que decirnos.*

Palabras clave: mujeres negras; fuentes públicas de agua; Goiás; fotografía; archivos visuales.

INTRODUÇÃO

A Capitania de Goiás tem suas origens históricas ligadas à corrida do ouro empreendida pelas bandeiras em direção ao Brasil Central, grande parte oriunda de São Paulo, composta majoritariamente por homens, entre portugueses, paulistas, indígenas e clérigos (Arrais *et al.*, 2019). Dentre os diferentes núcleos nascidos à luz das atividades mineradoras praticadas ao longo do século XVIII, temos o Arraial Sant'Anna, criado entre os anos de 1722 e 1728, que mais tarde foi elevado à Vila Boa (centro administrativo da Capitania) e posteriormente, à Cidade de Goiás¹. Ainda que tenha sido determinante para sua origem, “como principal fator de determinação econômica da Capitania, a exploração aurífera durou cerca de cinquenta anos”, considerando sua ascensão, apogeu até o consequente início de seu declínio, de acordo com Gustavo Coelho (2001, p.150).

Em Goiás, diferentemente de Minas Gerais, os pequenos núcleos mineradores foram se estabelecendo pelo território de acordo com os descobrimentos de minérios, e ao prosperarem, davam origem a aglomerados maiores e por conseguinte, a vilas, conforme seu crescimento. Nesse caso, os núcleos urbanos se estabeleciam no mesmo local de exploração, junto aos cursos d'água, com modelos próprios de ocupação e organização do espaço urbano (Coelho, 2001). E esse contexto de ocupação dos sertões distantes do litoral

(...) e, por conseguinte da influência imediata das estruturas oficiais lusitanas, permitiu certa maleabilidade no que se refere ao estabelecimento de hierarquias sociais e à criação de arranjos familiares, muitas vezes improvisados e ditados por estratégias da vida cotidiana. Nesse terreno, desconhecido, que resguardava obstáculos naturais e no qual residiam diversos grupos indígenas antes mesmo da vinda dos portugueses, ingressaram homens e mulheres provenientes de lugares também distantes, situados nas margens europeias e africanas do oceano atlântico (Motta, 2006, p.37).

Entendemos que o imaginário construído em relação ao descobrimento de Goiás não somente caracteriza o sertão como um lugar totalmente isolado e aparentemente despovoado, como dá atenção excessiva às bandeiras paulistas, que dotadas de “homens fortes e corajosos”, como apontado por Tatiana Carvalho Motta (2006)², teriam sido responsáveis pelo achado das primeiras jazidas; apagando e excluindo as mulheres do processo de ocupação e mobilidade geográfica no

¹ Vila Boa era a capital da capitania e única vila na virada do século XVIII e XIX. A atual Cidade de Goiás perdeu o status de capital do Estado de Goiás para Goiânia na década de 1930 (MOURA, 2018, p.31).

² Tatiana Carvalho Motta em seu trabalho *Entre o atlântico e o sertão: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás* (2006), investiga as diferentes formas de inserção das mulheres na sociedade colonial da capitania de Goiás, especificamente na porção final do século XVIII e início do século XIX, a partir do entrecruzamento entre os documentos cartoriais encontrados nos arquivos locais da Cidade de Goiás, os relatos produzidos por viajantes estrangeiros e a historiografia regional.

PENSAR FORA DO EIXO

interior do Brasil nos tempos coloniais, e sobretudo, as populações indígenas e de origem africana. Assim, a formação dos primeiros aglomerados não se deu com a vinda das famílias dos bandeirantes recém-chegados, mas a partir do concubinato destes com indígenas e mulheres negras escravizadas (Arrais *et al.*, 2019).

Essas formações familiares desenvolvidas no território goiano foram alvo de duras críticas dos viajantes europeus³, que atravessaram a região em meados dos oitocentos. Em seus testemunhos sob a forma de escritos é perceptível a construção de uma imagem negativa do arraial, ressaltando tanto a precariedade de suas construções, estradas e acessos, como a composição social de sua população, marcada pela miscigenação. Tais escritos contribuíram para que Goiás fosse vista e entendida “a partir do século XIX, numa situação de penúria, atraso e total isolamento em relação às demais regiões desenvolvidas do Brasil” (Boaventura, 2007, p.28). Os relatos dos viajantes do século XIX tiveram fundamental importância para os estudos da história brasileira do período colonial, e particularmente, no caso da história de Goiás dos séculos XVIII e XIX (Martins, 2017).

É interessante notar que os viajantes, mesmo com um olhar atento à fauna e flora da região, a qualificaram “como uma expressão do atraso, da pobreza e da falta de civilidade, contrastando significativamente com os padrões ocidentais” (Motta, 2006, p.28). Em seus relatos descrevem o “relaxamento dos costumes” e da “moralidade baixa”, em razão das altas taxas de concubinato, no qual homens recém-chegados se juntavam a mulheres negras e mestiças. Nota-se que o concubinato, ainda que generalizado e naturalizado nessa região mineradora, devido aos “altos custos para a formalização do casamento junto à igreja, assim como os entraves burocráticos e a lentidão da máquina pública colonial”, combinados com a “discriminação em relação a desposar mulheres que não fossem brancas”, era alvo de reprovação ao olhar dos viajantes, segundo Nádia Mendes de Moura⁴ (2018, p.149). Enfatizavam ainda seu incômodo em relação ao diminuto

³ Estiveram na Capitania/Província de Goiás os bávaros Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius, que passaram brevemente pelo leste da capitania em 1818; o naturalista francês Saint-Hilaire em 1819; o botânico boêmio Johann Emmanuel Pohl, que permaneceu na capitania de dezembro de 1818 a junho de 1820; o ilustrador e botânico inglês William John Burchell, que transitou pela província de agosto de 1827 a abril de 1829; o médico e naturalista escocês George Gardner, que virou o ano entre 1839 e 1840 na província; por fim, o naturalista Conde de Castelnau, que passou quase todo o ano de 1844 naquela região (Moura, 2018, p.32).

⁴ Nádia Mendes de Moura em sua tese *Sertões de mar a mar: Goyazes em suas filigranas (c. 1726-1830)* (2018) investiga a história da Capitania de Goiás na passagem do século XVIII para o XIX, revelando muita da história para além do discurso de decadência, com destaque para a presença e participação das mulheres nas dinâmicas urbanas e sociais dos arraiais.

PENSAR FORA DO EIXO

quantitativo de mulheres brancas na capitania e de famílias constituídas aos moldes tradicionais, remetendo às mulheres negras a culpa da situação de desordem instaurada em Goiás.

A literatura de viagem, além de expor seu caráter misógino, dá luz à expressiva quantidade de mulheres e sua inserção na sociedade colonial, sobretudo, na porção final do século XVIII e início do século XIX, tido como o momento de “crise” pela historiografia regional. Carregados de juízos de valor, esses escritos descrevem muito da paisagem natural e das relações sociais que se estabeleciam nos sertões goianos, e se mostram como uma possibilidade pertinente para compreendermos as sociabilidades de Goiás oitocentista, a partir de seus aspectos sociais, políticos e econômicos. No que tange às mulheres, enfatizam sua participação enquanto “agentes das dinâmicas sociais”, e lançam “luz sobre as formas de gerenciamento e circulação de riquezas, bem como sobre as possibilidades de emancipação e autonomização” de mulheres escravizadas (Motta, 2006, p.13). Assim, ainda que os discursos sobre as mulheres presentes nos relatos europeus e na documentação oficial se mostrem “comprometidos com seus valores e lugares de poder” (Prudente, 2011, p.28), também confirmam sua presença na esfera urbana.

Os documentos e os relatos dos europeus revelam não somente a participação feminina nas dinâmicas coloniais, como suas estratégias e negociações cotidianas. As mulheres aparecem nomeadas nos documentos por termos como “dona⁵, escrava, forra, liberta, casada, solteira, preta, mulata”, o que revela como suas vidas eram moldadas por conceitos da época, atrelados às funções sociais desempenhadas. E apesar do cerceamento sobre suas vidas, essas mulheres ainda desempenharam diferentes atividades urbanas, configurando uma heterogeneidade de experiências sociais. Assim, de acordo com Nádia Moura:

Diante da realidade de uma sociedade móvel, em que as pessoas seguiam ao sabor de novas descobertas auríferas e não se preocupavam em formalizar o matrimônio, verificamos que as mulheres foram importantes peças na trama do mercado imobiliário na Capitania de Goiás. Como não se casavam formalmente, mantinham os imóveis urbanos e os patrimônios rurais sob seu domínio. As mulheres representavam um contingente significativo de proprietárias de imóveis na Capitania de Goiás no início do século XIX e foram cadastradas na documentação primária das mais variadas formas, como no caso das Décimas Urbanas: donas, viúvas, crioulas, miseráveis, órfãs, mendigas - ou apenas identificadas com seu nome, sem adjetivos que as qualificassem (Moura, 2018, p.152).

⁵ Mulheres brancas de origem nobre, normalmente filhas, casadas ou viúvas de homens com cargo de destaque, de acordo com Moura (2018, p.152).

PENSAR FORA DO EIXO

As mulheres estavam nas ruas, gerenciando bens, realizando atividades para lhes assegurar autonomia econômica, possuíam escravos, terras e joias e mesmo outros artefatos feitos de metais preciosos. Nesse caso, possuíam bens tanto as ‘donas’ - tidas como mulheres da elite proprietária de bens -, como as mulheres ‘forras’, a partir do pecúlio amealhado⁶ resultante de seus serviços. Ainda de acordo com Motta (2006, p.100), “procurações, escrituras de vendas e de doação registradas em cartório nos dão exemplos das transações executadas por mulheres”.

As mulheres estiveram nos mais diversos lugares, ocuparam “desde o espaço doméstico aos espaços públicos”, permeando inclusive “lugares interditos”, enquanto lugares naturalizados como masculinos. Nesse âmbito, estavam as funções ligadas ao comércio, como a compra e venda de gado, ou mesmo o trabalho no roçado, na companhia somente de escravizados. Além dessas atividades, as mulheres ainda “faziam doces, bordados, teciam e costuravam” (Cavalcante, 2011, p.11). A respeito das funções que desempenhavam em Goiás, Prado (2019) escreve:

As mulheres em Goiás não eram inibidas, estúpidas ou mesmo se achavam “reduzidas ao papel de fêmeas para os homens”, as pesquisas apontam o contrário, pois muitas trabalhavam para sustentar seus filhos e a família abandonada pelo marido e pai, haviam as viúvas e trabalhadoras, um exemplo importante era a senhora Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto. Também existiam aquelas mulheres que não se casaram e que, deste modo, precisaram trabalhar como fizeram Silvina Hermelinda Xavier de Britto e as irmãs de Ana Joaquina da Silva Marques (PRADO, 2019, p. 29).

Desse modo, vemos como muitas vezes as narrativas oficiais ocultam, moldam ou o que deixam de contar sobre as mulheres. Prudente (2011, p.28) afirma que “as fontes assim como a história, são construções, ou seja, uma das possibilidades de representação do passado, e que a narrativa histórica nunca é neutra”. Logo, é possível compreender que não há como separá-las do sistema de dominação e estruturação do poder, no qual são produzidas, e que nesse caminho, se deve ter ciência que, é preciso em relação às mulheres

(...) romper silêncios, versões congeladas, cristalizadas, que acomodam nossas concepções como se não tivéssemos mais nada a perguntar a estes documentos, posto que o lugar das mulheres e homens já estavam naturalizados, rigidamente estruturados (Cavalcante e Longo, 2011, p.49).

Há mulheres e práticas sociais que não são reconhecidas pela cultura tradicional da época, e são elas que interessam a essa pesquisa. Vemos que a presença feminina, branca e/ou negra, assim

⁶ A expressão “pecúlio amealhado” refere-se a um montante de dinheiro ou bens que iam sendo acumulados ao longo do tempo, através de economia, esforço e trabalho de pessoas escravizadas.

PENSAR FORA DO EIXO

como sua expressiva participação nas dinâmicas urbanas coloniais, fica evidente nas fontes primárias, tal como as décimas urbanas, documentos cartoriais, processos de autuação e crimes, cadernos de dízimos do gado e/ou jornais e cartas. Fontes mobilizadas e cuidadosamente analisadas pelas pesquisadoras Motta (2006), Cavalcante (2011), Prudente (2011), Moura (2018), e que permitem o diálogo entre os escritos e as imagens, como temos a intenção de fazer. Abrem caminhos para visibilizar sua relação com os espaços urbanos, sobretudo, com as fontes de água, imprimindo a presença feminina nas fotografias, assim como na história da cidade. De acordo com Mortimer (2018, p.172), uma maneira de buscarmos outras “possibilidades historiográficas do urbano e das cidades” é buscar por “lampejos visuais nos arquivos”, capazes de remexer nos silêncios e acessar informações que a escrita não teve interesse de registrar.

Kossoy (2001, p. 30) aponta a dificuldade do uso de imagens em pesquisas de cunho histórico, pois a escrita é, tradicionalmente, a principal forma de transmissão do saber, com modelos codificados que nem sempre estão presentes nas imagens, e “predomina como meio de conhecimento científico”. No entanto, o autor defende que imagens são fontes legítimas, valiosas e insubstituíveis, pois operam como possibilidade inovadora de informação e podem atuar como instrumentos potentes de pesquisa em diferentes campos da ciência. É nessa direção que nos propomos a revisitar arquivos visuais que nos permitam acessar modos de vida das mulheres negras em Goiás, buscando possibilidades de escuta e interpretação da sua história, em um esforço diante dos limites do arquivo (Hartman, 2020).

1 A SÉRIE FOTOGRÁFICA

A partir das pesquisas realizadas no Museu das Bandeiras – MUBAN, na Cidade de Goiás, foi possível reunir um primeiro conjunto de documentos. Dentre eles, uma pasta denominada “Lavadeiras, paneleiras e carregadeiras d'água – fotos” nos chamou atenção; com fotografias vindas do IPHAN, do Acervo Elder Camargo de Passos e do Museu da Imagem e do Som de Goiás - MIS GO. Um conjunto de imagens que não falava expressamente por si, à primeira vista, mas que deram início à pesquisa, inaugurando o processo de ir e vir nos arquivos, nos deslocamentos e fricção entre os diferentes tempos, entre recortes e fragmentos, permitindo movimentos de dar zoom nos detalhes e se distanciar, na busca de desvios “enquanto lugares de elaboração” (Mortimer, 2022, p.6).

Para (re)direcionar o olhar para essas fotografias buscamos uma “escuta sensível e ativa”, possibilitando “modos de fazer o documento falar” (Mortimer, 2022, p.4), com atenção aos gestos –

PENSAR FORA DO EIXO

expressões, posturas, roupas, atividades etc. – e às interrogações às mulheres – sobre suas identidades, idades, vidas. São gestos que abrem caminhos para identificá-las, enxergá-las, escutá-las, ainda que silenciadas pelos retratos de uma época. Nesse caso, propondo uma inversão de planos, as colocando como protagonistas da narrativa (dessa pesquisa).

Direcionamos o olhar para as mulheres negras a partir das práticas que as expuseram publicamente no espaço urbano. Entendemos que suas vidas não se resumem aos serviços domésticos e/ou atividades prestadas para obterem rendimentos, mas que foram modos de imprimir suas identidades, sociabilidades e saberes frente às dinâmicas sociais coloniais, sobretudo no que tange à sua relação com as águas da cidade. Assim, desejamos também tensionar “as narrativas senso comum, de que eram mulheres submissas, reclusas, sem vontade e sem desejos”, muito pelo contrário (Cavalcante, 2011, p.11).

Importante destacar que esse artigo é parte de uma pesquisa em andamento sobre a história de Goiás e das mulheres negras do século XIX, período de grandes marcos na luta contra a escravidão, reafirmando a pertinência do recorte temporal pretendido. Por trabalharmos com fotografias, cabe também situar que a chegada dos primeiros fotógrafos ao território goiano e a criação de estúdios fotográficos na cidade datam das três últimas décadas do século XIX. Nesse período, a fotografia ainda se configurava como uma tecnologia de vanguarda e de custo elevado, acessível apenas às classes sociais mais altas (Sobral, 2022). As imagens analisadas aqui, no entanto, são fotografias encontradas em arquivos locais datadas do início e meados do século XX, que nos permitem acessar o cotidiano e as sociabilidades que também se desenvolviam em Goiás oitocentista, tal como retratado pela documentação histórica e pela literatura de viagem, se estendendo até o século seguinte, como retratam as imagens.

1.1 O Chafariz da Carioca: memória e invisibilidades negras

Nas fotografias, *a priori* de monumentos e espaços da cidade, mulheres negras figuram em cenas capturadas do cotidiano: próximas às fontes públicas, com trouxas de roupas e potes de água na cabeça. Nas legendas, encontramos nomes de ruas, largos, fontes e chafarizes, e raramente as vemos identificadas por seus próprios nomes, apenas pelas atividades que exercem. São lavadeiras e carregadeiras d'água sem nome e sem identidade nos arquivos, "às quais cabia o papel de transportar as águas das fontes espalhadas pela cidade, em troca de dobrões que lhes garantiriam a sobrevivência" (Britto e Prado, 2018, p. 206).

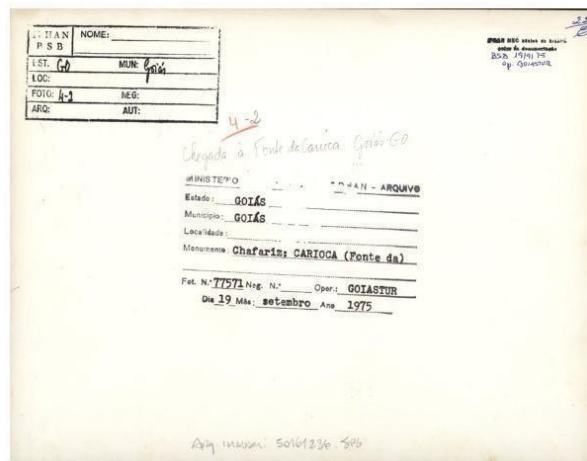
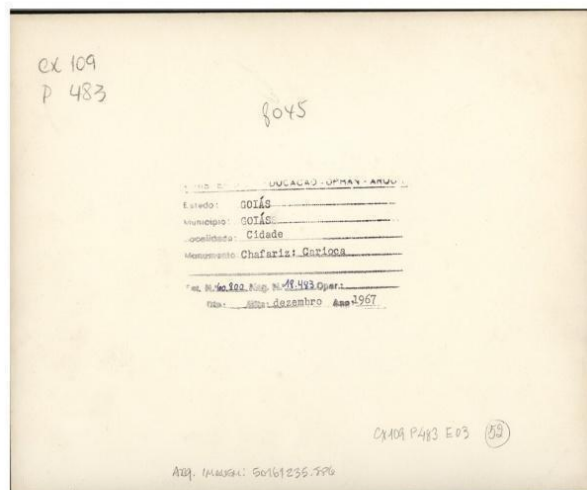
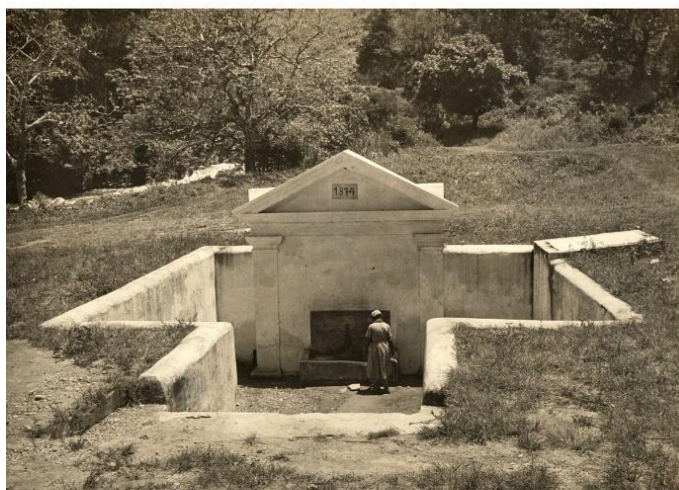
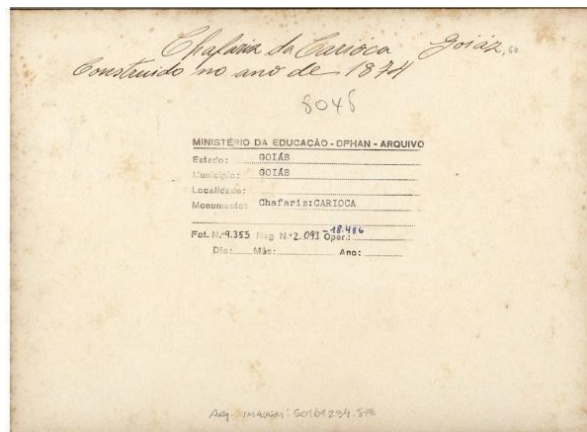
PENSAR FORA DO EIXO

Diante da série fotográfica, podemos olhar para a presença feminina e negra como um lugar de elaboração: quem são essas mulheres que aparecem nas imagens? O que elas estavam fazendo, de onde vinham ou para onde iam no momento da fotografia? Essas atividades eram feitas com que frequência? Eram para sua família ou para as famílias que trabalhavam? Quais relações elas tinham com esse espaço e com outras mulheres negras? Quem é a criança que aparece em uma das fotografias? Estava brincando ou auxiliando os trabalhos? Esses são alguns dos questionamentos que nos ocorreram e que, de acordo com Júnia Mortimer (2022, p.6), podem nos ajudar “a complexificar a tarefa de descrição crítica desses corpos documentais bem como de suas condições de possibilidades de enunciação”.

Para a autora, “as perguntas aos arquivos nos guiam nas pesquisas pelas quais chegamos até eles” (Mortimer, 2022, p.4). Nesse percurso de pesquisar *com e por meio da fotografia*, como ela menciona, selecionamos algumas imagens dos arquivos recebidos do MUBAN que dialogassem entre si e com a investigação proposta. A série nomeada “**Onde estavam as mulheres negras?**” (Figura 1) reúne três imagens que retratam o Chafariz da Carioca e mulheres negras circulando pelo interior ou no seu entorno. As imagens possuem também algumas informações no verso, como catalogação, legenda e anotações à mão.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 1. Série fotográfica “Onde estavam as mulheres negras?”



Fonte: Museu das Bandeiras – MUBAN, Goiás.

Nas fotografias, ainda que sem autoria determinada, há uma clara intenção em registrar a paisagem urbana, nesse caso, o Chafariz da Carioca, importante fonte pública de água potável da cidade,

PENSAR FORA DO EIXO

construída em 1772 entre o Rio Vermelho e a Estrada Real (IPHAN, 2012). Localizada nas imediações *do outro lado do rio*, quando nos referimos à sua implantação urbana, que desde o arraial minerador estabeleceu-se às duas margens do rio:

Do outro lado do rio, também em local mais alto que aquele ocupado pela mineração, vai ser construída (...), a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, da irmandade dos pretos, inaugurando-se, aí, da mesma forma como já havia acontecido em Minas Gerais, a segregação social e racial, com a utilização (...) pelos negros e pardos, que compunham a grande maioria dos habitantes da Rua da Cambaúba, atual Bartolomeu Bueno (COELHO, 2001, p.173-174).

Na cidade há duas principais fontes públicas de água localizadas cada qual em uma das margens do rio - o Chafariz de Cauda da Boa Morte, no Largo da Casa de Câmara e Cadeia⁷; e a Fonte da Carioca, nas proximidades do Rio Vermelho, da Rua Cambaúba e da Estrada Real, uma das saídas e entradas da cidade para os que vinham de São Paulo pelo caminho real (Arquivo Noronha Santos/Iphan e IBGE). Essa última rua, segundo Coelho (2001, p.175), era onde havia uma “concentração dos pardos, mulatos e negros forros na tentativa, mesmo que discreta, de direcionamento da distribuição espacial da população”. A concentração da população racializada na região do chafariz, por si só, não justifica a presença das mulheres negras nas imagens, já que circulavam por toda a cidade carregando água, mas pode acrescentar mais uma camada de análise à fotografia.

Três fotografias de um mesmo monumento, com datas e contextos diferentes, que nos permitem elaborar sobre a presença feminina negra e as camadas do tempo inscritas na paisagem urbana. A primeira é a mais antiga das três, e apesar de não haver detalhes cronológicos no verso, data aproximadamente da década de 1930 (Alego, 2021). Nela, a vegetação ao redor da fonte é densa e, ao fundo, aparece uma antiga usina termoelétrica gerida pela empresa Força e Luz Ratto & Guedes, desativada no final da década de 1950 (Castro, 2013). Nas demais, feitas nas décadas de 1960 e 1970, a usina já não aparece mais, revelando as transformações da paisagem ao longo do tempo.

A segunda fotografia, datada no verso de dezembro de 1967, mostra o chafariz em plano mais próximo e a paisagem à sua volta evidencia uma vegetação mais rasteira e seca, e um espaço mais aberto onde antes estava situada a usina. Nas duas primeiras imagens é possível ver mulheres

⁷ Em 1778, o Chafariz de Cauda da Boa Morte foi construído para dividir o abastecimento de água da cidade com o Chafariz da Carioca. Boa Morte se refere à capela de mesmo nome, pertencente à Confraria dos Homens Pretos (Arquivo Noronha Santos/Iphan e IBGE).

PENSAR FORA DO EIXO

interagindo com a fonte, a presença das carregadeiras de água atesta o funcionamento do sistema de abastecimento e, ao mesmo tempo, ancora essas transformações da paisagem em uma experiência vivida. Por fim, a terceira fotografia, datada de setembro de 1975, nos revela mudanças ainda mais significativas, como o desmatamento de parte da vegetação, abertura de novos caminhos e movimentação de terra. Intervenções, provavelmente, planejadas em prol de melhoramentos urbanos, como a futura rodovia GO-070. Nela, não vemos sinais expressivos de carregadeiras de água, mas é possível ver uma criança que corre ao fundo na imagem.

As três fotografias com objetivo evidente de retratar o Chafariz da Carioca (como reforçado nas suas legendas), revelam para além de um espaço urbano, um espaço de sociabilidade e de trabalho, com a presença de mulheres carregadeiras. Em diferentes momentos, ainda que a presença dessas mulheres negras não fosse o foco das câmeras, elas aparecem no enquadramento, reafirmando tanto sua existência no espaço público quanto sua participação nas dinâmicas urbanas, mediada pela relação cotidiana com a água, a partir das fontes de água da cidade.

1.2 Onde estavam as mulheres negras?

As fotografias enquadram mais que monumentos, registram práticas urbanas de uma época, na qual mulheres negras também compunham a paisagem urbana. Ao observá-las, podemos abranger também “vestígios de urbanidade que atravessam a vida privada” (MORTIMER, 2018, p. 169), tão caro às mulheres. O olhar de quem fotografava se mostra direcionado à arquitetura, ao urbano, à paisagem, delineada por suas construções coloniais, morros e elementos naturais, como o Rio Vermelho ou a Serra Dourada. E nesses enquadramentos, o primeiro plano não é dado às mulheres, nem protagonismo, ainda que suas presenças pulsem nos retratos da cidade.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 2. Chafariz da Carioca, Goiás. Ministério da Educação – DFHAN - Arquivo.



Fonte: Museu das Bandeiras – MUBAN, Goiás, sem data.

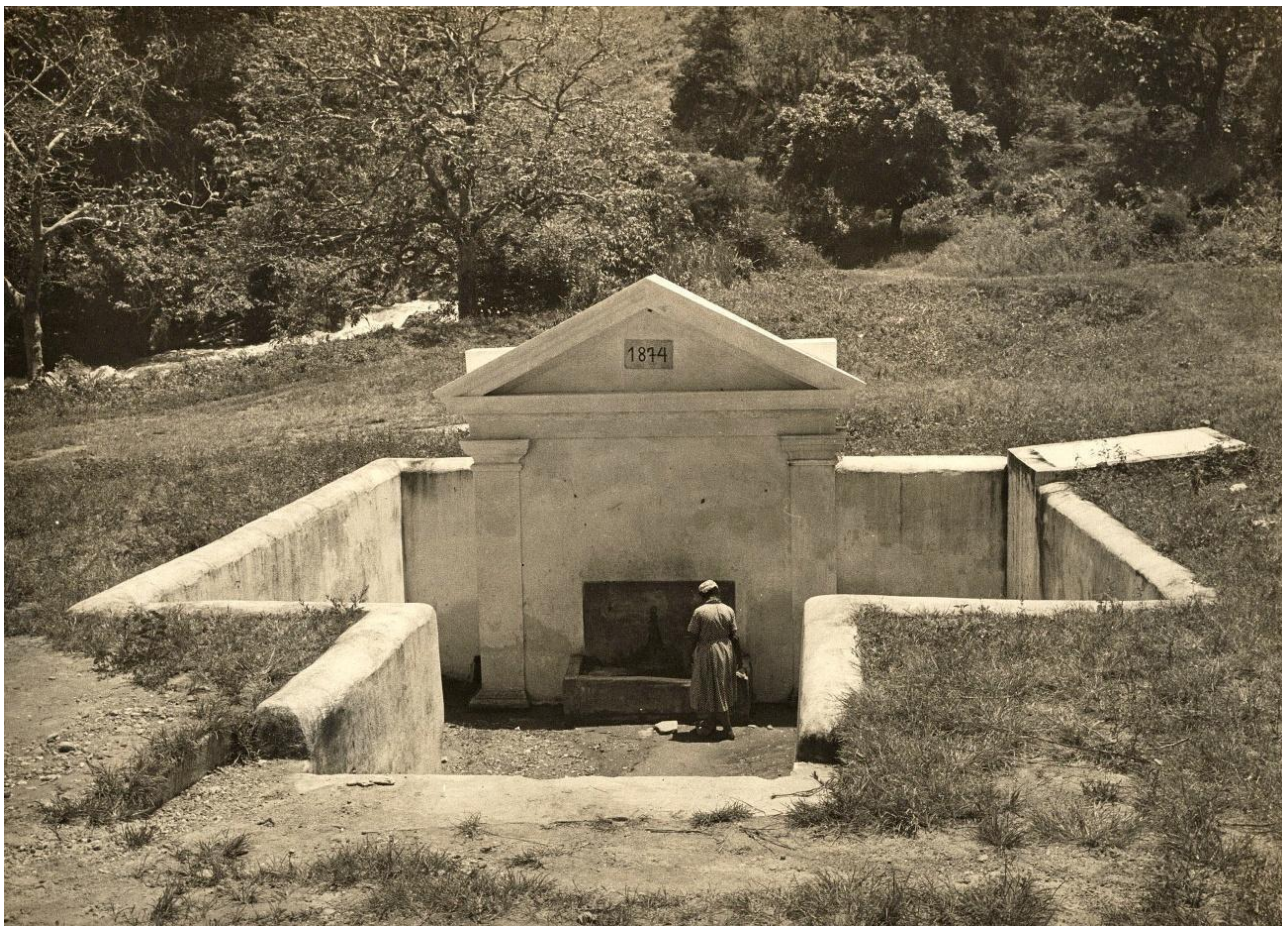
Na primeira imagem, vemos uma sequência de planos: uma mulher carregando o pote de água na cabeça, o chafariz ao centro e, ao fundo, a antiga usina termoeletrica, todos envoltos pela vegetação às margens do Rio Vermelho. Pela postura de seu corpo e naturalidade dos gestos, é possível notar a intimidade entre a mulher que sobe a escadaria do interior do chafariz e o espaço que a cerca. O modo de caminhar, o pano que envolve os cabelos e apoia o vaso equilibrado em sua cabeça também nos convidam a refletir sobre uma possível transmissão de saberes: modos de fazer, de agir, de ocupar e de permanecer na cidade. Ela parece não reagir à presença da câmera e/ou fotógrafo, como se o momento da captura não interrompesse o fluxo da vida que ali acontecia.

A relação entre a riqueza de informações presentes nos registros contrasta com as informações existentes nos versos: o que escritos à mão e as legendas nos comunicam sobre as imagens e as mulheres que são retratadas? Nesse caso, demonstram como as mulheres negras eram/são invisíveis para os registros fotográficos da cidade. Não se menciona, nomeia ou se descreve a presença delas ao legendar e organizar os arquivos visuais. Como nos portamos, então, diante das

PENSAR FORA DO EIXO

invisibilidades do arquivo? Essas são algumas inquietações que nos instigam a seguir nessa pesquisa.

Figura 3. Chafariz da Carioca, Goiás. Ministério da Educação – DFHAN - Arquivo.



Fonte: Museu das Bandeiras – MUBAN, Goiás, 1967.

A relação com a água pode ser lida como um elemento-chave nas fotografias, conformando-se não apenas como recurso material essencial à manutenção da vida, mas como eixo estruturante da vida cotidiana de mulheres negras. Inseridas majoritariamente em atividades vinculadas ao trabalho doméstico, essas mulheres não se restringiam ao espaço da casa, transbordavam para o espaço público (Figuras 1 e 2). Os gestos, os objetos e as ações sugerem práticas de cuidado, com a própria família ou com as demais. No contexto colonial, a circulação e ocupação de espaços públicos se davam sob condições de vigilância, controle e violência. Ainda assim, suas presenças não podem ser lidas apenas como subordinação, constituem também uma forma de emancipação, ganho de autonomia, e alguma desobediência diante das estruturas coloniais.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Chafariz da Carioca, Goiás. Ministério da Educação – DFHAN - Arquivo.



Fonte: Museu das Bandeiras – MUBAN, Goiás, 1975.

A terceira imagem da série (Figura 4), feita em ângulo mais distante, mostra uma criança correndo no descampado ao redor do chafariz. A cena abre um campo de indeterminação, e convoca perguntas: trata-se de uma brincadeira ou de trabalho? Estaria indo ao encontro de algum familiar ou ajudando sua mãe ou avó? A casa de traços coloniais, à esquerda, seria de sua família? Dadas as sociabilidades da época e região na qual o chafariz se localiza é possível imaginar que se tratava de uma criança negra, mas em que condições ela estaria no espaço público? Nesse sentido, mais do que documento, a imagem opera como um campo de possibilidades.

Quando interrogadas, as imagens deixam de ser apenas registros do passado para se tornarem campos de escuta. Perguntas como: por quanto tempo essas atividades perduraram? Que futuros elas insinuavam naquele momento? Quais possibilidades estavam em jogo para essas mulheres? - deslocam o olhar e recusam a redução do sujeito a objeto do arquivo. Compreendido como agente que habita a imagem, ainda que em condições restritivas, esse sujeito revela brechas e usos do espaço que escapam, ainda que momentaneamente, às lógicas de controle.

PENSAR FORA DO EIXO

As imagens carregam múltiplas temporalidades: aglomeram o passado, projetam futuros e tensionam o presente. Ao perguntar como o poder opera e onde ele falha, abre-se a possibilidade de reconhecer não apenas os mecanismos de opressão, mas também as formas, por vezes sutis, de agenciamento. Ler essas fotografias é, nesse sentido, tensionar - ou recusar - uma narrativa que fixa mulheres negras apenas como sujeitas da exploração, para vislumbrá-las como produtoras de espaço e de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória é registrada a partir de uma lógica colonial, seja na construção da arquitetura e urbanismo, como na elaboração de textos e registros fotográficos. A discussão apresentada nos dá pistas de como desviar dessa lógica e elaborar sobre outras formas de ocupar e se relacionar na e com a cidade. O exercício de olhar repetidas vezes as fotografias, descrevê-las ou direcionar a leitura para o que até então estava escondido, é um lembrete para nos atentarmos à existência de outras(os) sujeitas(os) urbanas(os), sobretudo, da presença da mulher negra na cidade nos oitocentos e novecentos.

Buscamos trabalhar com a montagem dessa série fotográfica como possibilidade de narrar outra história de Goiás “por meio de imagens, com especial atenção às práticas urbanas, de ganho, de lazer e de sociabilidade” (Mortimer, 2022, p.6), como modo de tensionar “as diferentes narrativas urbanas de seus mais diversos narradores, construtores e praticantes das cidades” (Jacques, 2018, p. 224). Com essa intenção, manejamos fotografias do século XX, dos acervos documentais do Museu das Bandeiras – MUBAN, buscando um olhar sensível e a escuta ativa às mulheres negras.

Ariella Aïsha Azoulay (2024) aponta a fotografia como um campo político e sugere que o ato de olhar é também um ato de responsabilidade: quem vê participa da história que se conta. Nesse exercício de leitura e escuta, buscamos diluir as fronteiras do que é visto, isto é, diluir as fronteiras entre essas mulheres e a própria cidade. Nesse caminho, as imagens ganham outras camadas e passam a contar uma história que é, ao mesmo tempo, delas e da cidade. Afinal, elas estavam lá.



PENSAR FORA DO EIXO

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ACKNOWLEDGMENTS

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

REFERÊNCIAS:

ARRAIS, Cristiano Alencar; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; LEMES, Fernando Lobo. **O século XVIII em Goiás: a construção da Colônia**. Goiânia: Cênese. 2019.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS. **Campanha nas redes sociais da Alego que revela detalhes da história do nosso estado desembarca na cidade de Goiás**. Goiânia: Alego, 13 set. 2021. Disponível em: <https://portal.al.go.leg.br/noticias/119817/campanha-nas-redes-sociais-da-alego-que-revela-detalhes-da-historia-do-nosso-estado-desembarca-na-cidade-de-goias>. Acesso em: 26 jun. 2026.

BOAVENTURA, Delmary Mattos Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.

BRITTO, Clovis Carvalho; PRADO, Paulo Brito. Carregadeiras de água: Gênero, Patrimônio e trajetórias no tempo. **Revista Nós Cultura, Estética & Linguagens**, V. 3, P. 203-219, 2018.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa; LONGO, Clerismar Aparecido. As mulheres sertanejas e sua inserção nas fazendas de criar gado em Goiás Séc. XIX. In: CAVALCANTE, M. (org.). **Mulheres em Narrativas, Goiás Século XIX**. Goiânia: PUC-GO/Kelps, 2011, p.45-66.

CASTRO, Rosângela Nunes Almeida de. **A engenharia elétrica na Universidade Federal de Goiás: reconstrução histórica do curso (1948 - 2012)**. 2013. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

COELHO, Gustavo Neiva. **O Espaço Urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2001.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, v. 23, n. 3, p. 12–33, 2020.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Goiás (GO). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1478/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). Restaurada a primeira fonte pública. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/987/restaurada-a-primeira-fonte-publica->. Acesso em: 4 abr. 2026.

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, P.B., and PEREIRA, M.S., comps. **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I – modos de pensar [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 206-234.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilaire em Goiás**: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2017.

MORTIMER, Junia. Pensar por imagens: Do interior do retrato ao retrato exterior ou diante das fotografias de Aracy Esteve (Bahia 1950 - 1965). In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth Silva (Orgs). **Nebulosas do Pensamento Urbanístico**: tomo I / modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. (p. 148 - 175).

MORTIMER, Junia. Urgências de arquivo: dispositivos estéticos de implicação na pesquisa de três acervos brasileiros. **Paranoá**, n.15(32), p. 1-16, 2022.

MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o atlântico e o sertão**: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

MOURA, Nádia Mendes de. **Sertões de mar a mar**: Goyazes em suas filigranas (c. 1726 – 1830). Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.

PRADO, Paulo Brito do. **Aventuras feministas nos sertões de Goiás**: as mulheres e as suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado (1899-1931). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. Experiências de Professoras da Província de Goyaz, Séc. XIX. In: CAVALCANTE, M. (org.). **Mulheres em Narrativas, Goiás Século XIX**. Goiânia: PUC-GO/Kelps, 2011, p.13-44.

SOBRAL, Divino. **J. Craveiro**: o homem, a cidade e a paisagem. 2024. Disponível em: <https://goyazes.art.br/exposicao/devotos-e-bandeiras-2/>. Acesso em: 29 de jun. 2026.